

VOZES DISSIDENTES: O DISCURSO SOBRE COMPETIÇÃO EM *THE SPORTSWOMAN*¹²

Lynn Couturier MacDonald³

State University of New York

Cortland, EUA

Lynn.MacDonald@cortland.edu

Resumo

Nos anos 1920, a pertinência da participação de mulheres em competições esportivas se tornou objeto de debate entre os educadores e o público. De forma a evitar os problemas associados aos esportes altamente competitivos dos homens, muitas professoras de educação física buscaram desestimular a competição e promover a simples participação. De acordo com a historiadora do esporte Roberta Park, essas mulheres estavam “em busca de uma posição intermediária” no debate. Havia, contudo, um outro conjunto de mulheres cujo ponto de vista divergia dos posicionamentos polarizados do público, assim como das que promoviam a “posição intermediária” no que diz respeito à competição feminina. Essas mulheres eram a equipe editorial de *The Sportswoman*, periódico sobre esporte feminino publicado entre 1924 e 1936. Ao mesmo tempo em que as editoras incluíam perspectivas múltiplas sobre as competições femininas, sua própria posição com frequência se confrontava diretamente com a de algumas outras colaboradoras. Esse artigo destaca as estratégias explícitas e implícitas utilizadas na revista para promover a aceitação da competição esportiva entre mulheres. **Palavras-chave:** esporte feminino; competição; revistas esportivas; hóquei na grama; mulheres.

Abstract

Dissenting Voices: The Discourse of Competition in The Sportswoman

In the 1920s, the appropriateness of competition for women became contested among educators and the public. In order to avoid the problems associated with men's highly competitive athletics, many women physical educators sought to deemphasize competition and promote simple participation. According to sport historian Roberta Park, these women were “searching for a middle ground” in the debate. There was,

¹ Tradução inédita em português. Original em inglês publicado no *Journal of Sport History*, vol. 39, n. 2, verão de 2012, p. 265-282. Traduzido com autorização da autora e do *JSH*. Com esta tradução, *Recorde* busca contribuir para a divulgação, em língua portuguesa, de artigos relevantes da produção acadêmica em inglês na área de História do Esporte (Nota do Editor).

² A autora agradece aos arquivos de Springfield College e Bryn Mawr, assim como à biblioteca do Smith College, pelas fontes e pela ajuda generosa.

³ Departamento de Educação Física.

however, another group of women whose position dissented from the polarized positions of the public as well as those who promoted the “middle ground” when it came to women’s competition. These women were the editorial staff of *The Sportswoman*, which was a periodical on women’s sport published from 1924 to 1936. While the editors included multiple perspectives on women’s competition, their own position was frequently in direct conflict with some of the other contributors. This paper highlights the overt and covert strategies used in the magazine to promote the acceptability of women’s competition in sport.

Keywords: women’s sport; competition; sport magazines; field hockey.

The Sportswoman (TSW)⁴ foi um periódico publicado de 1924 a 1936, inicialmente como um veículo de comunicação da Associação de Hóquei na Grama dos Estados Unidos (USFHA). Embora seu conteúdo tenha se expandido sensivelmente, de forma a incluir diferentes esportes praticados por mulheres, ele manteve um núcleo duro dedicado ao hóquei na grama durante a maior parte de sua existência. TSW trazia cobertura do esporte feminino nos níveis clubístico, universitário e de alto rendimento; oferecia dicas de instrução para treinos e aulas; e publicava perfis de mulheres atletas e professoras de educação física proeminentes da época. Deve-se notar que o conteúdo de TSW refletia fortemente o status socioeconômico, com a cobertura do esporte feminino alinhada de perto com os interesses esportivos de classe média e alta.⁵

O público-alvo da revista eram esportistas membros de clubes e professoras de educação física. Seus autores provinham de origens semelhantes – principalmente mulheres e geralmente associadas a organizações esportivas e universidades (professoras de educação física ou estudantes). Algumas autoras eram atletas (mulheres) de nível nacional e internacional em modalidades como tênis, golfe, hóquei na grama e patinação artística. TSW servia como um instrumento de desenvolvimento profissional para professoras de educação física, um incentivador para o hóquei na grama e o esporte femininos, e como um fórum (às vezes, explícito, outras implícito) para questões

⁴ *A mulher esportista* (NE).

⁵ Para uma análise detalhada do conteúdo de *The Sportswoman*, ver Couturier (2010).

relativas ao esporte feminino (COUTURIER, 2010).

Na época da edição inaugural de TSW, o esporte feminino crescia em popularidade, mas tratava-se de um crescimento até certo ponto desigual. Forças sociais como classe, raça e diferenças regionais influenciavam o tipo de esporte disponível para as mulheres.⁶ Mulheres de classe média e alta tipicamente se envolveram com o esporte associado ao ambiente de clubes ou faculdades. Esportes individuais, como golfe, tênis, natação e eventos equestres eram populares, mas esportes coletivos como hóquei na grama, lacrosse e basquete (sob regras modificadas) também podiam ser encontrados, particularmente em universidades. Mulheres pertencentes a minorias e à classe trabalhadora se engajavam em modalidades como basquetebol, atletismo e boliche, organizadas por associações comunitárias ou ligas recreativas e fabris. Competições de alto nível já ocorriam em vários esportes individuais (patinação, natação, tênis e golfe). Além disso, os esportes fabris começavam a patrocinar alguns campeonatos nacionais para mulheres (BORISH, 2004; EMERY, 1994; NOONKESTER, 1982).

Este crescimento de oportunidades esportivas refletiu uma inserção mais geral de mulheres em áreas tradicionalmente masculinas após a I Guerra Mundial, junto com o sufrágio feminino em 1920.⁷ As mudanças de expectativa quanto aos padrões de gênero eram negociadas nos locais de trabalho e espaços sociais, assim como no esporte. Como atletas, as mulheres desafiavam as noções tradicionais do que era o esporte competitivo – um terreno de provas de masculinidade. Como, então, as mulheres foram assimiladas na cultura atlética? (LENSKYJ, 1990; ROTUNDO, 1987; LADD e MATHISEN, 1999) A questão-chave, de acordo com a historiadora Martha

⁶ Para fontes sobre as diversas experiências esportivas das mulheres, ver Borish (2004), Cahn (1994), Emery (1994), Gems (1993), Hagen (1990), Hult (1980), Liberti (1999), Noonkester (1982), Peavey e Smith (2005).

⁷ Sobre a mudança social nos anos 1920, ver Dumenil (1995), Dyreson (2000), Kaszuba (2006), Latham (2000), Miller (2003), Parrish (1992), Zeitz (2006).

Verbrugge (1988), era: “Iria o esporte promover competitividade e masculinidade, enquanto minava graça e refinamento?” (p. 158). Essas preocupações eram particularmente importantes para as professoras de educação física, que há muito trabalhavam para estabelecer a si mesmas como líderes na educação física e no esporte para mulheres (PARK, 2005, p. 129). Elas buscavam definir o que era apropriado em relação à participação das mulheres no esporte – isto significava permanecer dentro das fronteiras da feminilidade convencional (COUTURIER, 2008, p. 423). Tais ditames geralmente envolviam: vestuário feminino; participação para todas as garotas, não apenas aquelas com talento esportivo; atividades supervisionadas por responsáveis mulheres; e não-comercialização da experiência esportiva.

Embora muitas professoras de educação física tinham conseguido controlar o esporte feminino em escolas e faculdades, sua influência era limitada nos âmbitos do esporte recreativo, fabril e de alto rendimento. Quando a União Atlética Amadora (AAU) levou adiante seu plano de enviar uma equipe feminina de atletismo à Olimpíada, muitas professoras de educação física pensaram que a AAU ultrapassara seus limites. Em 1923, as mulheres se reuniram para formar a Divisão de Mulheres da Federação Atlética Amadora Nacional (WDNAAF), de forma a consolidar seu controle sobre o esporte para mulheres e garotas, particularmente em escolas e faculdades.⁸

O objetivo principal da WDNAAF era desestimular a competição para mulheres, e sua plataforma tornou-se muito influente no setor de educação. Como Roberta Park (2005) apontou, sua postura não deve ser julgada sem considerar-se o contexto de suas ações (p. 141-144). Naquela época, havia uma preocupação generalizada sobre os bem-documentados abusos no esporte masculino, que incluíam escândalos nos

⁸ Muito se escreveu sobre a Divisão de Mulheres da Federação Atlética Amadora Nacional. Para histórias mais detalhadas do trabalho do grupo, ver Epstein (1992), Gerber (1975), Hult (1985) e Theriot (1978).

recrutamentos, status de elegibilidade dúbio de muitos jogadores, exploração de atletas e comercialização do esporte. As preocupações das mulheres foram compartilhadas por muitos professores de educação física, que também queriam evitar os problemas no esporte organizado masculino e oferecer oportunidades esportivas para todos. Desestimular os aspectos competitivos do esporte poderia manter as jovens mulheres a salvo dos perigos do modelo masculino, enquanto minimizava a possível crítica de que o esporte iria “masculinizar” as mulheres. Em certo sentido, essas professoras de educação física estavam “em busca de uma posição intermediária”, isto é, uma forma de promover a participação de garotas e mulheres sem os problemas associados ao esporte de alto rendimento (PARK, 2005, p. 127).

De fato, publicações do período refletiram essa “posição intermediária”. De acordo com o historiador do esporte feminino Stevie Chepko (1991), os primeiros 20 anos dos Guias Spaulding de Basquete Feminino enfatizavam a cooperação e as virtudes sociais do basquete para as mulheres, enquanto minimizavam seus aspectos competitivos. Uma publicação importante para profissionais de educação física, *American Physical Education Review* (APER), trazia muitos artigos que discutiam o “problema” do esporte para garotas.⁹ O “problema” era, geralmente, uma ênfase muito grande nas competições, e o remédio sugerido envolvia limitar as competições aos eventos interturmas¹⁰ ou aos dias de jogo, de preferência sob a liderança qualificada das professoras de educação física.

⁹ A ideia do esporte das garotas como problemático aparece frequentemente em *American Physical Education Review*. Para exemplos, ver *Outstanding Problems of Girls' Athletics*. *American Physical Education Review*, n. 31, 1926, p. 846-848; Grace E. Jones. *Girls' Athletics in High Schools*. *American Physical Education Review*, n. 32, 1927, p. 365-367; *Report of the Advisory Committee on Athletics for High School Girls*. *American Physical Education Review*, n. 33, 1928, p. 254-260.

¹⁰ No sistema educacional dos EUA, *turma* corresponde a todos os alunos matriculados em uma instituição de ensino em cada ano de um mesmo curso. Desta maneira, há quatro turmas em cada universidade e em cada escola de ensino médio. Uma turma pode ter dezenas, centenas ou milhares de estudantes (NE).

Mabel Lee, que se tornou a primeira mulher presidente da Associação Americana de Educação Física (APEA), conduziu um estudo sobre a situação das competições interuniversidades para mulheres. Esse estudo foi publicado em *APER* e constitui um exemplo do desejo de limitar as oportunidades de competição. Ela relatou que, entre os respondentes da pesquisa com experiência em competições interuniversidades para mulheres, 93% se opunham à prática. Similarmente, em *Women's Athletics – All Uses – No Abuses*, Agnes Wayman, membro do Comitê Executivo da WDNAAF e vice-presidente da APEA, declarou: “A maioria de nós concorda que intercompetição é algo ruim – mesmo sob supervisão ideal quanto à saúde”. Ethel Perrin, fundadora e membro da WDNAFF, falou pela maioria das professoras de educação física da época quando disse que a WDNAFF “não acredita que um programa inclusivo e outro seletivo podem ser levados a cabo com sucesso simultaneamente em qualquer grupo e vota por unanimidade naquele que forneça oportunidades iguais de saúde e júbilo para todas as garotas”.¹¹ Para a maioria das professoras de educação física, o esporte altamente competitivo não poderia coexistir com o esporte para as massas e, para elas, o último era muito mais importante.

Dado que o público leitor e as autoras de TSW consistiam principalmente de atletas mulheres e professoras de educação física, não surpreende que muitas facetas do discurso sobre competição estivessem presentes em suas páginas. De fato, a forte afiliação da revista com o hóquei na grama trouxe uma contínua e subversiva tensão em torno da competição. Por um lado, o hóquei na grama era considerado um esporte apropriado e incontroverso para mulheres, na medida em que era jogado

¹¹ Ver Agnes Wayman. *Women's Athletics—All Uses—No Abuses*. *American Physical Education Review*, n. 29, 1924, p. 517-519; Mabel Lee. *The Case for and against Intercollegiate Athletics for Women and the Situation As It Stands To-day*. *American Physical Education Review*, n. 29, 1924, p. 13-19; Ethel Perrin. *More Competitive Athletics for Girls—But of the Right Kind*. *American Physical Education Review*, n. 34, 1929, p. 473-476.

predominantemente por mulheres (ao menos nos Estados Unidos). Não havia sido manchado pelo jogo masculino, deixando as mulheres livres para correr pelo campo sem os constrangimentos de regras modificadas.¹² Por outro lado, a competição nos clubes e de alto nível era um elemento importante do hóquei na grama na USFHA, organizado através de torneios nos níveis das associações, das seccionais e nacional. Esta competição de alto nível era promovida ativamente por toda parte na revista.¹³

Através de notícias, imagens, editoriais e conselhos instrutivos, TSW conduziu um diálogo revelador sobre o que era a competição apropriada quanto a gênero. Se, como Park afirma, a posição da WDNAFF poderia ser considerada intermediária entre barrar as mulheres do esporte e as mulheres serem cooptadas pelo modelo de esporte de alto rendimento, TSW não aderiu a essa linha divisória. A equipe editorial não aceitou a posição intermediária, nem as posições polarizadas típicas do modelo masculino *versus* nenhuma competição. De fato, a equipe editorial cedeu espaço em suas páginas para múltiplas perspectivas acerca das competições para mulheres, enquanto frequentemente discordava da posição intermediária ao apresentar sua própria posição, mais favorável à competição.

Editoriais e correspondência sobre competições

O discurso sobre a competição apropriada para mulheres estava em plena mudança quando TSW começou a ser publicada, em 1924. Nos primeiros anos, particularmente, muito das discussões ocorreu sob a forma de correspondência e editoriais. A controvérsia sobre a competição apareceu pela primeira vez em TSW em

¹² Para discussões sobre a aceitabilidade de certos esportes para mulheres, ver McCrone (1987, p. 118), Park (2005) e Hult (1985, p. 73). Park (1987) aponta a hipocrisia de se deixar as mulheres livres para jogar no campo de hóquei, enquanto outros esportes eram modificados para haver aceitabilidade (p. 84).

¹³ Esta estrutura piramidal do jogo competitivo de hóquei na grama é discutida em profundidade em Park (1986). Para a cobertura do hóquei na grama de nível de elite em TSW, ver Couturier (2010, p. 119-120).

uma carta de Mary Wheeler à editora, em março de 1925.¹⁴ Wheeler era a Chefe do Esporte Feminino na University of Nebraska e uma óbvia simpatizante da Conferência Atlética de Mulheres Universitárias Americanas (ACACW).¹⁵ Após comentar a necessidade de uma publicação como TSW, ela mirou diretamente a USFHA. Ela alegou que

nosso desejo de encorajar a competição no hóquei através da USFHA é um pouco prematuro, no caso das mulheres universitárias (...). A ACACW decidiu enfaticamente, em suas duas últimas conferências (em Indiana e na Califórnia), desencorajar competições interuniversidades e abertas de qualquer tipo. (...) Agora, então, já que nossas mulheres universitárias estão convencidas de que elas não estão prontas para a competição aberta, a USFHA as está ajudando a manter sua convicção? (...) Ficamos pensando o quanto a USFHA está dificultando nossos esforços de elevar o padrão de esporte para as mulheres em nossas faculdades americanas.¹⁶

A USFHA não tinha verdadeiras equipes interuniversidades, mas tinha equipes de clubes que se situavam em universidades e usavam os nomes das universidades. Esses times jogavam sob os auspícios da USFHA contra outros clubes compostos de jogadoras universitárias e já formadas. Essa estrutura contornava a questão da competição entre times representando universidades, porque as equipes, tecnicamente, eram clubes. Reduzir a competição nas universidades teria descarrilhado os esforços da USFHA para produzir uma rede significativa de atletas, assim como anularia as tentativas de expansão da organização. TSW, enquanto órgão oficial da USFHA, respondeu na mesma edição, através do editorial. A carta de Wheeler foi introduzida como “interessante”, e em seguida TSW elaborou uma perspectiva distinta sobre o assunto:

¹⁴ Esta carta chamou minha atenção pela primeira vez quando eu pesquisava dias de jogo (Couturier, 2008, p. 431-2). Naquele artigo, a carta e algumas das respostas a ela são brevemente resumidas. Neste artigo, a carta e suas respostas recebem mais espaço.

¹⁵ A Conferência Atlética de Mulheres Universitárias Americanas foi um grupo fortemente filiado à filosofia e plataforma da WDNAAF.

¹⁶ Correspondência. *The Sportswoman*, n. 1, 1925, p. 9.

Em algumas partes do país, as distâncias são tão grandes, e as associações esportivas de mulheres estão tão envolvidas com a administração das associações esportivas masculinas, que obrigatoriamente tornarão indesejável qualquer iniciativa de competição interuniversitária para mulheres. A própria expressão competição interuniversidades é desagradável, e não duvidamos que a ideia seja repugnante para muitos. Ela soa como se a ideia principal fosse partir para ganhar algo para a universidade, em nome da universidade – e algo que não é uma razão primária para a existência da universidade. É perfeitamente verdade que, em muitos casos, é nesta degeneração que caíram os esportes intercolégiais masculinos, e é bem possível que, em alguns casos, o das mulheres também o faça. Mas, de uma maneira geral, as mulheres são criaturas sociáveis e, se lhes é permitido seguir seus próprios rumos, seus jogos são mais aptos a ser amistosos, e a conduzir a uma compreensão do outro superior à mera luta artificial por um troféu.¹⁷

Em outras palavras, as mulheres eram essencialmente diferentes dos homens e, se deixadas por sua própria conta, a competição entre elas não criaria os mesmos tipos de problemas encontrados no esporte masculino. Era o outro lado da moeda de Wheeler, pois ela também argumentava que as mulheres eram essencialmente diferentes dos homens, mas, em sua cabeça, essa diferença significava que elas não deveriam competir de forma alguma.

Para surpresa de ninguém, na edição seguinte muitas outras entraram na discussão. Helen Krumbhaar, primeira presidente da USFHA, argumentou que, assim como a ACACW, a USFHA estava tentando “elevar o padrão do esporte para mulheres neste país dentro e fora das universidades”. Ela enfatizou este último ponto, argumentando que a USFHA não estava promovendo o hóquei na grama universitário, mas o hóquei na grama clubístico. Para manter o interesse das jogadoras, a competição entre clubes era necessária. Ela admitia que a ACACW poderia estar certa ao desencorajar a competição interuniversitária, mas a USFHA fornecia um caminho para se continuar jogando depois da universidade, o que não era uma preocupação da

¹⁷ Editorials. *The Sportswoman*, n. 1, 1925, p. 1.

ACACW.¹⁸

Anne Townsend, capitã da seleção de hóquei All-American,¹⁹ tomou uma posição mais decidida. Ela enfatizou que a USFHA estava promovendo o jogo entre clubes, não universidades, e reiterou que as partidas eram necessárias para manter o interesse.

A competição, em si mesma, é um instinto natural e saudável. Ela promove o interesse, respeito e compreensão mútuos, e a esportividade. Mas é um teste, e só porque alguns falham em encará-lo com o espírito correto, e o usam como um meio de ganhar prêmios ou fama, devemos aboli-lo? Em vez disso, vamos unir nossas energias para instilar em nossos jogos a ideia de um “esporte pelo esporte”, e o ideal de verdadeira esportividade, tornando, desta maneira, nossa competição o meio de trazer à tona o que há de melhor em nós.²⁰

Certamente Krumbhaar e Townsend tinham uma perspectiva única. Ambas eram jogadoras de hóquei na grama de nível nacional e tinham posições-chave no time ou na USFHA. Mas outras também se opuseram à posição de Wheeler. Mary Adams e outro(a) autor(a) identificado(a) apenas como C.E. adotaram a posição de que talvez a competição interuniversitária fosse um problema para escolas no Oeste, mas nas universidades do Leste, o que se observava eram bons jogos e um comportamento que ninguém seria capaz de condenar. Em suas cabeças, se as coisas estavam fora de controle, era papel do técnico redirecionar o jogo: o problema não era a competição em si, mas competir sem regras.²¹

Mary Wheeler não desistiu facilmente. Em outra carta à editora, em novembro de 1926, ela reiterou que as “mulheres americanas não estão prontas para competições entre escolas (...), que trazem à baila as emoções mais desabonadoras e o ponto de vista

¹⁸ Correspondence. *The Sportswoman*, n. 1, 1925, p. 7-9 (citação à p. 7).

¹⁹ All-American hockey team, em inglês. A autora se refere a uma equipe formada com a escolha das melhores jogadoras oriundas das diferentes partes do país (NE).

²⁰ Correspondence. *The Sportswoman*, n. 1, 1925, p. 9.

²¹ Correspondence. *The Sportswoman*, n. 1, 1925, p. 8.

menos feminino”.²² Havia ênfase demasiada na vitória e na realização pessoal. Na edição seguinte, Cynthia Wesson, então presidente da USFHA, criticou a senhorita Wheeler:

Lembro-me de uma carta de dois anos atrás da senhorita Wheeler, mas não a respondi naquela época. Sentia que sua posição era tão indefensável que não necessitava de resposta. Levada a uma conclusão lógica, sua teoria significaria que toda comida como lagostas deve ser excluída da dieta de um adulto porque o mesmo alimento pode não ser saudável para crianças. (...) Me atrevo a dizer que, nos locais em que existe de forma organizada há algum tempo, o hóquei em âmbito clubístico é jogado de forma entusiasmada, mas certamente não de maneira infantil.²³

Janet Seeley ecoou os comentários de Wesson. Ela citou o jogo no primeiro torneio interseccional (realizado em Baltimore, em novembro de 1926) como prova de que “não houve desespero ou ferocidade no perder ou no ganhar, e o elevado padrão de jogo (tanto individual quanto coletivo) indicava não haver falta de adequação da supervisão”. Com relação a um “ponto de vista menos feminino”, Seeley replicou: “não estou certa do que isto significa, mas não acredito que qualquer das pessoas tentando entrar na seleção americana acreditasse que estava sacrificando alguma característica essencialmente boa”.²⁴ As jogadoras estavam se perfilando em oposição à ACACW e sua filosofia de competição mínima.

Wesson parecia determinada a manter a ACACW na defensiva. Em fevereiro de 1927, ela escreveu outra carta para a editora, desta vez questionando a política da NAAF sobre regras para garotas no basquete. Aparentemente, a liga local era treinada por mulheres, mas as garotas estavam jogando sob as regras para garotos, e Wesson pensou que havia nisto um tanto de hipocrisia. Ela recebeu uma resposta na edição de

²² Correspondence, *The Sportswoman*, n. 2, 1926, p. 30.

²³ Correspondence, *The Sportswoman*, n. 3, 1927, p. 24.

²⁴ Correspondence. *The Sportswoman*, n. 3, 1927, p. 24-25.

abril, escrita por Emma Frazier, uma instrutora de educação física, que disse que a ACACW não mudara suas regras, mas as mulheres atuavam como treinadoras nesta liga com regras para garotos com o objetivo de evitar que homens o fizessem. Em maio, uma resposta oficial veio de Mary Wallace Weir, secretária-executiva da WDNAAF. Ela corroborava Frazier declarando que não houve mudança na política da entidade, mas que, às vezes, violações aconteciam sem o conhecimento dela. Ela reiterou que a NAAF era uma “agência que ditava padrões”, e não um órgão governamental, e concluiu que “é com a intenção de que possamos nos aproximar, de maneira cada vez mais constante, do ideal de uma possibilidade razoável de participação esportiva para todas as garotas e para a participação sob condições corretas que, para o momento, tomamos esta posição contra as competições extramuros”.²⁵

Claramente Wesson e o *establishment* do hóquei na grama tinham uma pauta. Como a maioria das entidades que governavam os esportes, elas desejavam disseminar a modalidade e elevar nível do jogo para torná-lo competitivo no cenário internacional. Elas às vezes lamentavam que o jogo das equipes americanas não alcançasse o padrão das melhores equipes internacionais (particularmente as inglesas).²⁶ De fato, na edição de abril de 1925, a página dos editoriais endossava a competição internacional para o hóquei na grama, afirmando que ela elevou o nível do jogo e promoveu amizades internacionais, entre outras coisas.²⁷ Coerentemente, a USFHA foi uma apoiadora importante da Federação Internacional de Associações de Hóquei Feminino (IFWHA),

²⁵ Correspondence. *The Sportswoman*, n. 3, 1927, p. 28; Correspondence. *The Sportswoman*, n. 3, 1927, p. 28; Correspondence. *The Sportswoman*, n. 3, 1927, p. 26 (citação). Ver também Correspondência. *The Sportswoman*, n. 4.3, 1927, p. 81.

²⁶ Por exemplo, ver Ann Townsend. *The Fourth Annual Inter-City Tournament*. *The Sportswoman*, n. 2, 1925, p. 7; e Editoriais. *The Sportswoman*, n. 1, 1925, p. 1.

²⁷ Editoriais. *The Sportswoman*, n. 1, 1925, p. 1. Os benefícios dos jogos internacionais às vezes são propagandeados em TSW. Ver também *The Sportswoman Guild*. *The Sportswoman*, n. 10, 1934, p. 5.

que promoveu competições internacionais.²⁸ Dada a posição da USFHA, não surpreende que, quando lhe foi oferecida a oportunidade de afiliar-se à NAAF, a USFHA recusou. Elas alegaram que se devia à NAAF ter um propósito distinto (esporte em ambientes escolares), e que, portanto, não havia base para a filiação.²⁹ Provavelmente as diferenças filosóficas com relação ao esporte feminino já estavam evidentes.

Modelos alternativos de esporte para mulheres: dias de jogo e jogos interturmas

Por volta de abril de 1926, as forças contrárias à competição pareciam ganhar terreno em TSW. Naquela edição, as editoras mencionavam que a Califórnia instituiria os dias de jogo como um meio de evitar os problemas associados com o esporte competitivo (COUTURIER, 2008, p. 423). Esta edição também continha um texto intitulado “Problemas Atlético das Garotas da Ohio State [University]”, que noticiava um congresso realizado na University of Cincinnati.³⁰ Os problemas identificados incluíam garotas jogando basquete sob regras para garotos, mentalidade de vencer a qualquer custo, descaso com estudantes que não fossem atletas, e falta de exames médicos.

Os delegados que compareceram adotaram a plataforma da WDNAAF e fizeram diversas recomendações, como a instituição de regras para garotas, o fim dos campeonatos de basquete, a limitação do número de partidas jogadas, e a promoção de competições intramuros em detrimento das interescolares. Dias de jogo foram

²⁸ Por exemplo, ver The International Federation of Women’s Hockey Associations. *The Sportswoman*, n. 4, 1927, p. 83-84; Anne B. Townsend. *International Federation Convenes*. *The Sportswoman*, n. 11, 1934, p. 10; e Gertrude Hooper. *A Message to All Hockey Players in America*. *The Sportswoman*, n. 12, 1935, p. 15, 26.

²⁹ USFHA Executive Meeting. *The Sportswoman*, n. 1, 1925, p. 4.

³⁰ *On the Sidelines*. *The Sportswoman*, n. 2, 1926, p. 4; *Ohio State Girls’ Athletic Problems*. *The Sportswoman*, n. 2, 1926, p. 8.

frequentemente sugeridos por organizações como a WDNAAF e a ACACW como substitutos para competições interuniversidades e intercolégiais. As duas organizações tinham plataformas paralelas, enfatizando participação em massa, vida saudável, técnicas mulheres bem-treinadas, padrões de elegibilidade, e exames médicos para mulheres atletas.³¹ Como as professoras universitárias de educação física e a ACACW tinham uma presença forte em TSW, os dias de jogo começaram a receber atenção da revista como uma alternativa viável ao esporte competitivo, ao menos dentro das escolas e universidades.

A intenção de limitar a competição ou oferecer uma alternativa é evidente em afirmações sobre um dia de jogo no Macalester College, como esta: “evitou-se tanto quanto possível a competição, formando-se times de garotas de diferentes universidades”.³² Além disso, um relatório do Elmira College afirmou que o dia de jogo tinha “o propósito de quebrar qualquer sentimento ruim e rivalidade que possa existir como resultado de jogos competitivos entre universidades”.³³

As virtudes dos dias de jogo foram exaltadas por Ethel Perrin, à época Diretora Associada da Divisão de Educação para a Saúde da Associação Americana de Saúde da Criança, com base na ideia de que eles traziam os benefícios dos esportes (educacionais, de saúde e sociais) para todas as garotas, enquanto evitavam os problemas do esporte competitivo.³⁴ O modelo de dia de jogo refletiu e reforçou o princípio de que o esporte feminino tinha propósitos sociais e de saúde e não deveria ser levado muito a sério.

Em maio de 1926, TSW publicou um artigo que detalhava um dia de jogo no sul

³¹ ACACW. *The Sportswoman*, n. 4, 1927, p. 21-22; ACACW. *The Sportswoman*, n. 5, 1929, p. 24; ACACW. *The Sportswoman*, n. 6, 1930, p. 27; ACACW. *The Sportswoman*, n. 8, 1932, p. 22; ACACW Becomes Athletic Federation for Women. *The Sportswoman*, n. 9, 1933, p. 11.

³² Circumspice. *The Sportswoman*, n. 6, 1930, p. 10-12.

³³ ACACW. *The Sportswoman*, n. 7, 1930, p. 24.

³⁴ Ethel Perrin. *When Sport Takes on a New Significance*. *The Sportswoman*, n. 7, 1931, p. 7-8, 29.

da Califórnia, do qual participaram cinco universidades locais. O dia incluiu diversos revezamentos, disputas e um bufê. Ao final, as atletas saíram com “a alegre satisfação de competir com e contra amigas, em vez da pressão da competição interuniversitária”.³⁵ A autora, Marian Pettit, era uma proponente entusiasmada dos dias de jogo. Ela alegava que “com a morte do esporte interuniversidades para mulheres nas faculdades e universidades do oeste, um sucessor valioso emergiu. Este estilo moderno de competição atlética é o dia de jogo socializante”.³⁶ Outro bom exemplo de cobertura dos dias de jogo em TSW é a reportagem sobre um evento realizado na University of Cincinnati na edição de maio de 1928. As estudantes foram colocadas em times por cores, de forma que todas as universidades fossem misturadas. O programa começou com danças tradicionais, seguidas por uma série de revezamentos e jogos e um “desfile de posturas”. Após um rápido banho de piscina, as estudantes se mudaram para um jantar formal. A reportagem concluía declarando que “um dia inteiro de diversão e camaradagem só pode elevar um pouco mais nosso código de esportividade – eis o dia de jogo; que ele possa crescer e crescer e crescer”.³⁷

Este entusiasmo pelos dias de jogo foi expressado numerosas vezes, mas quase sempre sob uma seção como a ACACW ou seções de universidades ou escolas. Por exemplo, comentários como “dias de jogo são tão mais divertidos e importantes” que competições atléticas intercolégiais ou “as garotas saíram muito animadas, de forma alguma cansadas pelas atividades do dia” frequentemente apareciam em matérias sobre dias de jogos.³⁸ Essas matérias às vezes eram escritas por estudantes, como Julia

³⁵ Marian E. Pettit. A Southern California Sports Day. *The Sportswoman*, n. 2, 1926, p. 13.

³⁶ Marian E. Pettit. A Southern California Sports Day. *The Sportswoman*, n. 2, 1926, p. 12.

³⁷ All-University Play Day University of Cincinnati. *The Sportswoman*, n. 4, 1928, p. 227. Para um exemplo no nível do ensino médio, ver Play Day for High School Girls. *The Sportswoman*, n. 4, 1928, p. 255.

³⁸ ACACW. *The Sportswoman*, n. 5, 1928, p. 27; ACACW. *The Sportswoman*, n. 4, 1927, p. 101.

Denning (turma de 1929) que comentou o jogo em um dia de esportes na George Washington University:

Um dia de esporte deste tipo está rapidamente tomando o lugar das competições interuniversidades. Ele tem a vantagem de dar oportunidade de participar a mais garotas do que as equipes principais e a participação em massa é o que as universidades estão tentando alcançar.³⁹

As reportagens sobre dias de jogo se destacavam em relação à maioria dos demais textos em TSW (com exceção daqueles que relatavam o progresso das mulheres no esporte) no sentido de que tinham um tom abertamente promocional.

Às vezes os artigos eram de autocongratulação, como a cobertura de um dia de jogo na North Carolina College, que envolveu as participantes em revezamentos, jogos, nado em grupo, ceia em volta da fogueira, e uma peça teatral. A autora alegou:

Enquanto os esportes masculinos tendem mais e mais a se aproximar do profissionalismo, os esportes femininos tem sido guiados por mãos sábias para rumos que levariam ao amadorismo puro, perdendo talvez a excitação das multidões, mas dando oportunidade para o esporte de massa. Os esportes para garotas geralmente são organizados de forma que o indivíduo aproveite inteiramente o jogar pela diversão de competir, e pela excitação do exercício saudável. A educação, que deveria ser obtida na universidade, é necessária para fazer com que as jogadoras gostem mais de tais jogos do que das batalhas travadas pela glória da sua universidade frente a uma multidão de espectadores antiesportivos vaiando ou grunhindo.⁴⁰

A escolha de palavras como “mãos sábias” para descrever a liderança das mulheres, enquanto usava “multidão vaiando ou grunhindo” para descrever o outro lado transmite um sentido de superioridade moral por parte das defensoras deste modelo esportivo alternativo.

Tal qual os dias de jogo, a competição interturmas era geralmente apoiada por

³⁹ College Section. *The Sportswoman*, n. 5, 1928, p. 26-28. Ver também *Play Day at North Carolina College. The Sportswoman*, n. 5, 1928, p. 29.

⁴⁰ *Play Day at North Carolina College. The Sportswoman*, n. 5, 1928, p. 29.

organizações como a WDNAAF e a ACACW, porque dava a todas as garotas uma oportunidade de jogar e era realizado integralmente dentro de um campus. Como uma seção de TSW, a ACACW recebeu bastante atenção, e seus anais de congressos, plataformas e resoluções às vezes eram publicados. Essa extensa cobertura deu à organização oportunidades abundantes para divulgar sua filosofia de competição. Por exemplo, a presidente da Associação Atlética Feminina da Vassar College apresentou no Congresso da ACACW (abril de 1926) um artigo sobre o sistema de competição interturmas, que foi reproduzido em TSW.⁴¹ Em Vassar, cada turma jogava duas partidas contra as demais turmas, e a vencedora recebia uma faixa e um troféu. Aquelas que não conseguiam entrar no time da turma jogavam no segundo time, que jogava contra o segundo time das outras turmas. Esses times também poderiam ganhar uma faixa. As equipes vencedoras acumulavam pontos ao longo do ano. Ao final da temporada, uma equipe principal era escolhida, mas era essencialmente honorária – ela não jogava contra outras equipes. A mensagem dessas matérias sobre competição, prêmios e sistema de pontos interturmas era de que o interesse pelo esporte poderia ser estimulado sem competições interuniversidades. Algumas mulheres foram além, sugerindo que mesmo o sistema de pontos deveria ser eliminado.⁴² Afinal de contas, se jogavam pelo prazer de jogar, para que precisariam de algum tipo de prêmio?

Ethel Bowers, da Associação Nacional de Recreação, reiterou o valor da competição interturmas em seu artigo de janeiro de 1931, “Basquete de garotas: trabalho ou jogo?” Ela descreveu todos os problemas do basquete competitivo de garotas e, depois, sintetizou como a situação poderia ser modificada para se reduzir a

⁴¹ Miss Keeler. Ways and Means of Arousing Interest in Athletics. *The Sportswoman*, n. 2, 1926, p. 10-11. Ver também Miriam Nichols. The Uniform Point System. *The Sportswoman*, n. 2, 1926, p. 29.

⁴² Nellie M. Eastburn. The Abolishing the Point System at Ohio State. *The Sportswoman*, n. 4, 1927, p. 77-78. Ver também ACACW. *The Sportswoman*, n. 7, 1931, p. 25-26.

pressão de ganhar. Primeiro, o basquete tinha que ser supervisionado por professoras de educação física que tivessem a instrução como principal prioridade. Os jogos deveriam ser organizados nas turmas e, então, partidas interturmas poderiam ser realizadas. Dias de jogo também poderiam ser combinados com escolas próximas, mas não deveria haver participação de patrocinadores externos, os quais poderiam, potencialmente, corromper o jogo. Divulgação e espectadores deveriam ser limitados. Neste modelo de esporte, “os jogos e temporadas são curtos e a pressão é eliminada, porque professoras de educação física são as responsáveis”.⁴³

Agnes Wayman escreveu um conjunto de artigos para TSW que articulavam os argumentos por um modelo alternativo de esporte. Wayman era diretora de educação física de Barnard College e logo se tornaria vice-presidente da APEA. Ela escreveu:

Não é a competição que muitas de nós depreciamos, mas o jogo de alta intensidade no estilo matar ou morrer, motivado não tanto por um desejo de “jogar o jogo”, mas por um desejo de “derrotar alguém”. E, quanto a nós, líderes – o que queremos? Desenvolver um país de garotas que participam do esporte e de jogos porque amam fazê-lo? Acreditamos em um esporte democrático baseado naquela postura? Ou vamos colocar nossa influência na direção de desenvolver um esporte aristocrático baseado na superioridade da mais hábil e em campeonatos? “Não há espaço para ambos?” Podem perguntar alguns de vocês. Minha resposta é: quando tivermos completado algumas gerações com experiência de participação; quando, como país, nós aprendermos a jogar e, de fato, jogarmos; quando, tal qual nossas primas inglesas, possamos levar tudo menos a sério, aí poderemos ter esperança de estimular competições interescolares, interuniversidades e internacionais – sem resultados malignos.⁴⁴

As professoras de educação física na ACACW, WDNAAF e APEA se manifestaram publicamente sobre a competição com uma notável uniformidade de vozes. Elas usaram TSW como uma das muitas ferramentas para promover e reforçar

⁴³ Ethel Bowers. Girls' Basketball: Work or Play? *The Sportswoman*, n. 7, 1931, p. 15-16.

⁴⁴ Agnes R. Wayman. Let's Take It in Our Stride. *The Sportswoman*, n. 10, 1934, p. 14-15. Wayman apresenta argumentos semelhantes em *Comments on Concepts of Physical Education for Girls and Women*. *The Sportswoman*, n. 11, 1935, p. 8; e *Comments on Concepts of Physical Education for Girls and Women: Second Installment*. *The Sportswoman*, n. 11, 1935, p. 9-11, 20-21.

sua filosofia. TSW, contudo, às vezes investigava o esporte feminino fora do âmbito interescolar e interuniversitário, e nele havia vozes que se opunham enfaticamente ao modelo de dia de jogo e de disputas interturmas.

“Competição para trazer à tona o melhor de nós”

O fato de a ACACW dispendir tanto tempo e esforço promovendo seu modelo alternativo sugere que havia resistência a ele. Em seus próprios anais do congresso de 1930, que foram noticiados em TSW, a associação registrou que

em todos os outros congressos, o problema do esporte interuniversitário de mulheres recebeu cuidadosa atenção. A partir da discussão, se poderia pensar que a competição interuniversidades estava ganhando terreno em muitas universidades. Poucas, contudo, participavam às épocas.⁴⁵ A opinião geral parecia ser de que não era aconselhável que a ACACW alterasse sua posição no presente^{46 47}.

A implicação era que, embora existisse algum interesse pelo esporte interuniversitário entre os quadros das professoras de educação física, não era suficiente para obrigar a uma reconsideração da posição básica da ACACW à época.

As editoras de TSW e membros da USFHA também expressaram discordâncias e, às vezes, frustração com o mínimo de competição defendido pela ACACW. Na edição de dezembro de 1928 que noticiou o dia de jogo em North Carolina College, Ruth Rickaby comentou em *Circumpice*⁴⁸ que ela “gostaria que Vassar, Wellesley e Bryn Mawr incluíssem jogos interuniversidades”.⁴⁹

No mesmo ano, a participação das mulheres nos Jogos Olímpicos subsequentes foi, de novo, objeto de discussão. Rickaby deixou muito claros seus pontos de vista – os

⁴⁵ Ou seja, à época de cada conferência (NE).

⁴⁶ Ou seja, no presente (ano/tempo) de cada conferência (NE).

⁴⁷ ACACW. *The Sportswoman*, n. 7, 1930, p. 26.

⁴⁸ Seção da revista (NE).

⁴⁹ *Circumpice*. *The Sportswoman*, n. 5, 1928, p. 16-18.

Jogos de 1928 em Amsterdã haviam demonstrado a capacidade de performance das mulheres em competições de alto nível:

Em minha opinião, os Jogos Olímpicos de 1928 provaram, uma vez mais, que as mulheres conquistaram um lugar permanente nos esportes. A discussão sobre se os eventos de mulheres deveriam fazer parte da próxima Olimpíada era um anacronismo patético. Nos tempos atuais, até o mortal mais estúpido tem que reconhecer que algumas mulheres são capazes de se desenvolver até se tornarem tão habilidosas em algumas modalidades esportivas que vê-las é um grande prazer. E não é preciso grande astúcia para perceber que os feitos destas poucas estimulam o interesse do vasto público feminino, que as incentivava a se esforçarem cada vez mais. De fato, me atreveria a declarar que a participação no esporte é um dos maiores fatores na grande melhora da saúde das mulheres, tanto física como mental.⁵⁰

Uma vez que os Jogos Olímpicos eram o ápice da competição amadora, eles serviam como um farol para o debate sobre a conveniência da participação das mulheres. Em fevereiro de 1929, a coluna *Circumspice*, de Rickaby, incluiu um parágrafo sobre a última resolução da WDNAAF com relação à participação olímpica das mulheres. A WDNAAF havia “votado quase por unanimidade contra a participação de mulheres nos Jogos Olímpicos futuros”. A WDNAAF estava “lançando uma campanha para educar as garotas em escolas e universidades, e outras garotas fora da idade escolar e universitária, a não treinar para os próximos Jogos Olímpicos”. Rickaby, então, apresentou o ponto de vista da AAU e do Comitê Olímpico Americano sobre o assunto, ao afirmar: “Isto é uma reiteração do que ela [a divisão de mulheres da NAAF] disse antes (...) Ela não nos deu qualquer ajuda no passado e, talvez, não devemos esperar que aconteça este ano (...) Os Estados Unidos serão representados, como sempre foram.”⁵¹ O tom de resignação da declaração dá uma boa indicação da pouca influência da filosofia da WDNAAF no esporte feminino de alto nível. Dado que Rickaby já havia

⁵⁰ *Circumspice*. *The Sportswoman*, n. 5, 1928, p. 19.

⁵¹ *Circumspice*. *The Sportswoman*, n. 5, 1929, p. 15.

comentado sobre a estupidez daqueles que não acreditavam que houvesse lugar para as mulheres nas Olimpíadas, suas preferências estavam claras.

Ethel McGary, uma nadadora olímpica, pensava de forma similar. Ela era a favor da competição, se “supervisionada com sabedoria”. Em seu artigo de novembro de 1931, ela defendia a importância de um bom condicionamento na preparação para competição e pensava que as garotas deveriam ter a oportunidade de competir em eventos mais longos. McGary apresentou algumas estatísticas sobre suas colegas olímpicas para combater a ideia de que a competição intensa era danosa. Descrevendo uma amostra de 60 mulheres das últimas três Olimpíadas, ela descobriu que

20 eram casadas, de 25 a 30 estavam fortemente engajadas em carreiras de negócios ou profissionais, e entre 10 e 12 das que fizeram parte da equipe de 1928 ainda estavam na universidade. Praticamente todas, exceto uma, seguem praticando natação hoje e relatam não haver qualquer mal como resultado de suas atividades; pelo contrário, relatam ter uma memória prazerosa de uma experiência que lhes ensinou os melhores hábitos de saúde possíveis.⁵²

Essencialmente, McGary estava argumentando que as atletas de alto nível eram mulheres normais, embora fossem altamente competitivas. Elas se casavam, iam à escola e trabalhavam. Elas continuavam a nadar, não por causa das glórias passadas, mas porque era algo saudável.

Constance Applebee chegou perto de desdenhar abertamente o modelo esportivo de dia de jogo. Em um artigo em junho de 1930 sobre festivais de hóquei na Europa, ela descreveu como os times se reuniam para jogar entre si em alguns destinos populares de férias. Em sua visão, esse tipo de competição era superior aos dias de jogo, pois permitia a participação completa de todas as jogadoras; tantos times quanto houvesse podiam participar, e não havia um campeão, portanto, evitavam-se as armadilhas da

⁵² Ethel McGary. Ethel McGary Favors Competitive Sports for Women If Wisely Supervised. *The Sportswoman*, n. 8, 1931, p. 11-12.

busca da glória. Applebee registrou

que as atividades usuais dos dias de jogo são apropriadas para as jovens adolescentes e que tanto estudantes de ensino médio quanto universitárias deveriam ter oportunidades mais sérias, tanto quanto ao tipo de atividades como quanto à forma das organizações. Que uma jovem mulher educando-se em uma universidade poderia estar interessada em correr de um lado a outro colecionando fitas e contando pontos para vencer jogos infantis ou fragmentos de jogos de verdade parece um pouco fora de perspectiva de vida.

Ela foi em frente, dizendo que os ideais dos dias de jogo eram louváveis, mas “é uma pena que o meio usual de concretizar estas ideias tenha se tornado, em alguma medida, incongruente com as próprias ideias”.⁵³

Está razoavelmente claro que Applebee era mais simpática à competição, incluindo a de nível universitário, que muitos de seus pares. Em um artigo de jornal de janeiro de 1924, Margeret Goss disse, sobre Applebee: “talvez porque seja uma mulher inglesa e esteja acostumada com isso o tempo todo, e de todas as maneiras, a senhorita Applebee declarou-se a favor da competição interuniversidades”.⁵⁴ A competição apoiada por ela, contudo, não chegava ao modelo masculino condenado pela WDNAAF. É mais provável que a noção de competição adequada de Applebee derivasse do etos amador puro apoiado em sua Inglaterra natal. A competição deveria ser conduzida civilizadamente e com os mais altos ideais. Fazia parte do esporte trazer à tona as melhores habilidades de cada jogadora (PARK, 1987, p. 58-93).⁵⁵

Quando a WDNAAF elaborou uma declaração condenando o esporte interuniversitário de mulheres, a Guilda das Mulheres Esportistas (uma seção de TSW) respondeu, na edição de maio de 1931: “Se estas declarações são verdadeiras, então

⁵³ Constance M.K. Applebee. Hockey Festivals. *The Sportswoman*, n. 6, 1930, p. 8.

⁵⁴ Clipping de jornal. Margeret Goss. Hockey Most Popular Sport at Bryn Mawr; Intercollegiate Contests Generally Favored. Correspondence with Clippings, folder 9, box 3, Constance M.K. Applebee Collection, Bryn Mawr Archives, Bryn Mawr University, Bryn Mawr, Pennsylvania.

⁵⁵ Ver também McCrone (1987).

somos levadas a uma justa indignação, não, à fúria (...). Estamos enojadas e cansadas dessa infantilização arcaica de garotas e mulheres”.⁵⁶ Mas a Guilda das Mulheres, em alguma medida, também qualificou sua indignação. Não via problemas com o esporte interuniversidades para mulheres porque ele era bem-supervisionado por professoras de educação física e todas as participantes haviam se submetido a exames médicos. Além disso, seus jogos não tinham a velocidade dos masculinos, atraíam pouco público pagante, e nunca havia recursos suficientes para financiar viagens de uma seleção de estrelas. Portanto, as mulheres poderiam competir contra outras universidades sem temer os excessos do esporte masculino.

The Sportswoman apologética

Jan Felshin denominou “apologéticas” essas declarações condicionais sobre o esporte das mulheres. Como o esporte feminino fora considerado uma “anomalia social”, elas adotavam uma postura apologética para desviar as preocupações sobre qualquer masculinidade perceptível e impulsionar sua aceitação social, a qual baseava-se tipicamente na feminilidade (FELSHIN, 1974, p. 203). Esta postura apologética consistia em atentar para: aparência feminina, comportamento “adequado a uma dama”, confirmação de valores heterossexuais (desejo de casar e ter filhos), não levar o esporte muito a sério, e ênfase no esporte como forma de socialização para as mulheres, em vez de estimular e recompensar as conquistas individuais (FELSHIN, 1974, p. 204-206).⁵⁷

TSW às vezes adotava uma postura apologética em sua defesa da competição para mulheres. Por exemplo, em um artigo, uma doutora Florence E. Ahlfeldt descreve

⁵⁶ The Sportswoman Guild. *The Sportswoman*, n. 7, 1931, p. 6.

⁵⁷ Ver também Wughalter (1978, p. 11-13). Mais recentemente, Mary Jo Festle (1996) aplicou a ideia do apologético à história do esporte das mulheres entre os anos 1950 e os 1990.

as esgrimistas como “graça, equilíbrio, arte – aqui está a beleza”.⁵⁸ A esgrima também poderia ser “maravilhosa para sua *joie de vivre* assim como para sua aparência”.⁵⁹ Tais descrições enfatizavam atributos femininos convencionais que, normalmente, não haviam sido associados com um esporte marcial como a esgrima. Rickaby descreve Beatrix Loughan, uma patinadora olímpica, como “fisicamente pequena e feminina ao ponto de ter ‘tranças’ em vez de ‘mechas’, ela é uma devota dos esportes”.⁶⁰ A autora tece observações semelhantes sobre Sonja Henie, comentando seus “cabelos dourados e cacheados, olhos azuis e uma compleição clara e equilibrada (...), vestida convenientemente e com muito bom gosto – um vestido de veludo azul claro, a cor de seus olhos, com linhas simples e um chapéu de feltro marrom bem-ajustado”.⁶¹

Jogadoras de tênis proeminentes às vezes recebiam tais descrições, que afirmavam sua feminilidade. O modelo de Betty Nuthall foi aprovado pela “longa pena escarlate no topo de uma boina de veludo preto bacana, e levava outro toque de escarlate e veludo preto em seu vestido verde musgo”, enquanto Helen Jacobs foi descrita como “uma das mulheres mais atraentes que jamais adentraram o mundo dos esportes (...) vestindo um belo modelo preto com pele de raposa prateada, com um toque próprio de individualidade em uma pequena pena verde e um grande anel de jade”.⁶² Tais descrições refletiam a preocupação de TSW com a feminilidade das atletas, embora a maioria dos artigos tendesse a focar as conquistas das mulheres esportistas, e menos sua aparência.

As editoras de TSW também registraram o que consideravam vestimentas

⁵⁸ Florence E. Ahlfeldt. Fencing—Its Relation to Health and Beauty. *The Sportswoman*, n. 9, 1933, p. 12-14.

⁵⁹ In the Looking Glass. *The Sportswoman*, n. 13, 1936, p. 27.

⁶⁰ Ruth D. Rickaby. Beatrix Loughan. *The Sportswoman*, n. 4, 1928, p. 139.

⁶¹ Ruth R. Darmstadt. Queen of the Figure Skaters. *The Sportswoman*, n. 6, 1930, p. 8. Ver também The All-England Touring Team. *The Sportswoman*, n. 5, 1928, 7.

⁶² Janet Owen. Marquee Memories. *The Sportswoman*, n. 11, 1934, p. 16; Helen Jacobs Plans Her Season. *The Sportswoman*, n. 11, 1935, p. 9.

adequadas para as mulheres praticarem esporte. Elas precisavam estar livres de constrangimentos, mas permanecer suficientemente recatadas. As roupas atléticas não deveriam ser usadas em público, de acordo com Viola Paris, colunista de estilo do *New York Post*, que observou: “bom gosto é essencial”.⁶³ A importância do bom gosto ecoou na Guilda das Mulheres Esportistas em março de 1930, quando a seção comentou os novos macaquinhos para educação física do Smith College. Esses macaquinhos não “apenas eram alegres, mas caíam bem (...) As vestimentas esportivas usuais conseguem enfeitar até uma garota muito bonita, então melhor nem dizer o que fazem com uma garota não tão favorecida pela natureza”.⁶⁴

A Guilda das Mulheres Esportistas assegurava que mais vestimentas esportivas para mulheres refletiam a boa notícia de que “o mundo percebe, afinal, que mulheres e garotas aficionadas por esporte não são aberrações da natureza, mas perfeitamente normais e sãs”. Em um esforço de se distanciar dos tipos masculinizados, a Guilda das Mulheres Esportistas acrescentou:

espera-se também que as poucas fanáticas entre as mulheres que foram condenadas por usarem sapatos de golfe com sola de borracha como calçados para usar na rua, andar como homens, falar em voz alta e outras ofensas ao bom gosto, percebam que elas estão não estão “chocando” ninguém além de si mesmas e que estão ultrapassadas.⁶⁵

Para as mulheres esportistas, havia formas próprias e impróprias de engajamento no esporte. Vestimentas e comportamento femininos foram os marcadores de aceitabilidade.

⁶³ Viola Paris. Exercise and Proper Clothing. *The Sportswoman*, n. 5, 1929, p. 8. Seus sentimentos foram compartilhados pela WDNAAF, que acreditava que uniformes diminutos em atletas mulheres sexualizavam os eventos esportivos. Elas usaram as preocupações com vestimentas como uma prova da necessidade de haver técnicas mulheres, assim como de manter os jogos de mulheres fora dos olhos do público. Ver Lenskyj (1986, p. 68).

⁶⁴ The Sportswoman Guild. *The Sportswoman*, n. 6, 1930, p. 6.

⁶⁵ The Sportswoman Guild. *The Sportswoman*, n. 6, 1930, p. 6.

De acordo com a historiadora Susan Cahn (1994), as primeiras inquietações com o rótulo de “masculinizada” resultaram de preocupações de que o esporte faria as mulheres “sexualmente mais parecidas com os homens – apaixonadas, descontroladas, assertivas –, mas nem críticos ou apoiadores sugeriam que uma prática atlética ‘masculina’ poderia indicar ou induzir amor pelo mesmo sexo” (p. 168). Professoras de educação física tomaram medidas para garantir que suas alunas não fossem tidas como promíscuas ou “malandras musculosas”, por meio da ênfase à feminilidade convencional e da restrição do tipo de eventos esportivos de que elas poderiam participar. As professoras de educação física que constituíam a clientela principal de TSW mantinham distância do esporte das mulheres da classe trabalhadora, que às vezes usava a sexualidade feminina para impulsionar seu potencial comercial (MROZEK, 1987, p. 268).

Por volta de meados dos anos 1930, contudo, o rótulo de “masculinizada” começara a ganhar uma conotação controversa, até mesmo perigosa. Sexólogos e psicólogos haviam identificado o amor pelo mesmo sexo como desviante. “Masculinizada” era agora a palavra código para lésbica (CAHN, 1994, p. 174). Ambientes exclusivamente para mulheres começaram a se tornar suspeitos em um cenário em que a sexualidade das mulheres era reconhecida, mas deveria ser usada para atrair homens e terminar em casamento. Neste cenário, mulheres atléticas estavam sujeitas a indagações sobre sua feminilidade, uma vez que suas atividades lhes colocavam dentro das fronteiras de práticas tradicionalmente masculinas. A defesa do esporte feminino, cada vez mais, teve que enfatizar a diferenciação em relação aos esportes masculinos e os marcadores de heterossexualidade feminina.

Jogando sob regras para moças

Mais e mais, a maneira pela qual os esportes eram jogados indicava o quão apropriados eram para as mulheres. A prática de mudar regras para tornar determinada modalidade menos exigente fisicamente e, portanto, menos parecida com um jogo de homens, foi um método padrão para a feminização do esporte. Por exemplo, as regras do basquete feminino claramente restringiam o jogo, retirando-lhe boa parte de seu caráter físico, traço considerado muito masculino.⁶⁶

Em algumas modalidades, contudo, homens e mulheres jogavam sob as mesmas regras. Nestes casos, os dois estilos de jogo às vezes eram contrastados, e enfatizavam-se as diferenças. Quando abordou o squash em TSW, por exemplo, Anne Page comentou que

muitas pessoas perguntam se as primeiras colocadas entre as mulheres podem competir com os primeiros entre os homens. A melhor jogadora nunca poderia competir com o melhor jogador. Primeiro, porque elas não têm a resistência e, segundo, porque elas não têm a força para bater tão forte na bola.⁶⁷

Até o esqui foi submetido a este tipo de escrutínio. Em um artigo instrutivo sobre esqui *downhill*, a autora afirmou que “esqui de salto e corrida cross-country, os dois eventos Olímpicos, são fisicamente exigentes demais [para mulheres]”.⁶⁸ Ao fazer tais comparações, as autoras reforçavam diferenças entre homens e mulheres e destacavam a inferioridade física destas.

Não obstante, como às vezes acontecia em TSW, pode-se encontrar também uma visão contrastante. Fred Hawthorne, editor de tênis do *New York Herald Tribune*, fez uma comparação direta com o jogo masculino em sua reportagem sobre a vitória de

⁶⁶ Ver Chepko (1980), Davenport (1980), Kennard (1977) e Swanson (1995) para as regras modificadas no esporte feminino. Roberta Park (1987) afirma que era perfeitamente aceitável para mulheres correr 100 jardas de ponta a ponta em um campo de hóquei na grama, enquanto o basquete sofria restrições (p. 84).

⁶⁷ Anne Page. First International Squash Racquets Tournament. *The Sportswoman*, n. 9, 1932, p. 9.

⁶⁸ Downhill Ski-Running for Women. *The Sportswoman*, n. 9, 1933, p. 14.

Marble sobre Jacobs:

Nossa nova campeã joga o tênis verdadeiramente moderno. Não apenas seus golpes forçados são masculinos em velocidade e força, mas suas táticas são masculinas. Com isto, quero dizer que a senhorita Marble usa seu manancial de batidas para abrir a quadra oposta e, então, vai à frente, com consistência, apostando tudo na velocidade e precisão de seus decisivos voleios e no magnífico poder e controle do smash.⁶⁹

Outro exemplo vem do iatismo, um dos poucos esportes onde homens e mulheres podiam competir diretamente uns contra os outros. De acordo com Ray Hand, era o “único esporte em que há apenas um conjunto de regras. Nenhuma vantagem é solicitada pelas mulheres, e os homens tampouco as oferecem (...) e quando você ganha, não se pode classificar a vitória com um ‘sob regras especiais’”.⁷⁰ É interessante notar que estes comentários eram feitos por homens, que não pareciam ter as mesmas hesitações sobre o impulso competitivo das mulheres. O esporte masculino representava o padrão e ser relacionado a ele era um elogio. Por extensão, jogar sob regras especiais ou com um estilo diferente do masculino fazia o jogo das mulheres ser considerado inferior.

Aparência e vestimentas enfatizavam diferenças e traziam alguma proteção para as atletas que buscavam evitar o rótulo de “masculinizadas”. Cahn (1994) apontou que havia uma “profunda ansiedade embutida nas acusações de macheza e feiura. A presença de mulheres esportistas e fortes atingiu as raízes da dominação masculina na sociedade americana – a aparentemente natural superioridade física dos homens” (p. 207). Feminizar aspectos do esporte das mulheres ou praticar modalidades que os homens não jogavam reduziam essa tensão quanto ao que era apropriado em termos de gênero.

⁶⁹ Fred Hawthorne. *Nor Victory to the Strong*. *The Sportswoman*, n. 13, 1936, p. 15.

⁷⁰ Ray Hand. *Salt in Her Blood*. *The Sportswoman*, n. 12, 1935, p. 20.

Mas, quando as mulheres adentraram o âmbito da competição a sério, elas foram inevitavelmente se intrometendo em território masculino. O esporte de alto nível estava associado com masculinidade, tanto quanto estavam as proezas físicas. Então, quando as mulheres se engajaram na competição a sério, elas estavam desafiando as fronteiras da feminilidade e abrindo seu próprio caminho em uma arena onde havia uma oposição substancial à sua participação.

Defensoras da competição como Rickaby, McGary e Applebee às vezes adotavam um tom apologético quando advogavam a competição de mulheres. Rickaby às vezes enfatizava os aspectos saudáveis da participação no esporte, assim como os traços de feminilidade das atletas sobre as quais elaborava perfis. McGary defendia a competição ressaltando o estado civil de ex-atletas olímpicas, enquanto Applebee às vezes enfatizava os aspectos sociais do esporte feminino. A WDNAAF usava argumentos semelhantes para promover a participação no esporte para todas as garotas e limitar a competição às mais talentosas, quer dizer, o esporte para garotas deveria estar relacionado a saúde e socialização. TSW, contudo, usava as mesmas defesas apologéticas para promover a participação de mulheres nas competições, ao mesmo tempo em que tentava torná-la menos ameaçadora. Ao apontar que as mulheres atletas permaneciam femininas e obtinham benefícios de saúde e sociais por sua participação no esporte, as patronas da competição feminina forneciam uma defesa contra críticas ao esporte feminino.

Discursos em competição

Os(as) leitores(as) de *The Sportswoman* tinham amplas possibilidades de tomar contato com as diversas posições sobre a competição esportiva de mulheres. Houve

cartas, editoriais e artigos, tanto apoiando diretamente a competição quanto se opondo a ela, mas a identidade das colaboradoras revela um padrão importante. Como se poderia esperar, as professoras de educação física associadas com a WDNAAF ou a ACACW enviavam artigos e cartas que apoiavam a participação de garotas e mulheres, em lugar da competição de alto nível. Atletas de ponta e mulheres altamente inseridas no sistema esportivo clubístico advogavam a posição de que a competição era um componente integral do esporte. Para elas, a competição não deveria ser associada a exploração e comercialização. Realizada de forma apropriada, quer dizer, sob um espírito amador verdadeiro, a competição elevava o nível de jogo e ajudava a manter o interesse das jogadoras. Mesmo com declarações apologéticas que reforçavam a feminilidade, essas mulheres claramente acreditavam que a competição feminina era algo apropriado.

De forma menos direta, em todas as edições as leitoras de TSW travavam contato com mensagens múltiplas apoiando a competição. Essas mensagens vinham sob a forma de fotografias de mulheres em ação em quadras e campos de jogo, na medida em que a vasta maioria das fotografias usadas em TSW foram feitas durante competições. TSW também publicava listas de seleções americanas, seções cobrindo esporte feminino internacional e numerosos de artigos sobre torneios nacionais, campeonatos e excursões internacionais.⁷¹ A cobertura do esporte nos clubes (13,9% do conteúdo) e do esporte de alto rendimento (20% do conteúdo) era a norma em TSW e estava claro que as atletas sobre as quais se falava não sofriam com restrições por competirem (Couturier, 2010, p. 121-122). Este tipo de material minava a mensagem de que mulheres não deveriam competir, disseminada pela WDNAAF/ACACW. Mulheres universitárias e garotas no ensino médio podiam folhear a revista e ver opções além do

⁷¹ Para informações detalhadas sobre o conteúdo da revista, ver Couturier (2010).

escopo limitado das competições interturmas, assim como encontrar exemplos de campeãs nacionais para estimulá-las.

O discurso sobre o esporte apropriado para as mulheres era um elemento importante de TSW. *The Sportswoman* nunca argumentou que o esporte feminino deveria ser uma réplica do masculino, nem endossou a posição da WDNAAF/ACACW. Na verdade, algumas vezes, TSW divergiu veementemente do discurso que limitava as oportunidades de competição para mulheres. As inclinações do conselho editorial eram claras: a competição era uma parte natural do esporte para mulheres. Pode ter havido alguns critérios e esses, às vezes, baseavam-se em classe (em um verdadeiro espírito amador e com atributos femininos), mas TSW deu apoio ao esporte feminino interuniversidades, clubístico, nacional e internacional. Embora as fundadoras da publicação claramente tivessem sua pauta em relação à competição, elas permitiam que uma variedade de perspectivas sobre o tema fossem apresentadas em suas páginas. Talvez essa justeza tenha sido influenciada pelo fato de que seu público leitor incluía tanto atletas quanto membros da WDNAAF/ACACW e que a revista não podia se dar ao luxo de perder qualquer dos grupos. Também pode ser que, permitindo múltiplas visões, as editoras possam ter convencido algumas leitoras que estavam em dúvida quanto à pertinência da competição para mulheres a adotar uma posição mais afirmativa. Qualquer que fosse a motivação, o diálogo aberto sobre a competição em TSW refletiu as atitudes conflitantes sobre os papéis de gênero no período e deu a um dedicado grupo de mulheres esportistas uma plataforma para suas diferentes visões sobre a competição entre mulheres.

Referências bibliográficas

BORISH, Linda J. 'The Cradle of American Champions, Women Champions (...) Swim

Champions': Charlotte Epstein, Gender and Jewish Identity, and the Physical Emancipation of Women in Aquatic Sports. *International Journal of the History of Sport*, n. 21, p. 197-235, 2004.

CAHN, Susan K. Cahn. *Coming on Strong: Gender and Sexuality in Twentieth Century Women's Sport*. New York: The Free Press, 1994.

CHEPKO, Steveda. The Domestication of Basketball. In: HULT, Joan S.; TREKELL, Marianna (ed.). *A Century of Women's Basketball: From Frailty to Final Four*. Reston, Va.: AAHPERD, 1991. p. 109-124.

COUTURIER, Lynn E. Considering The Sportswoman, 1924-1936: A Content Analysis. *Sport History Review*, n. 41, p. 111-131, 2010.

COUTURIER, Lynn. Play with Us, Not against Us: The Debate about Play Days in the Regulation of Women's Sport. *International Journal of the History of Sport*, n. 25, p. 421-442, 2008.

DAVENPORT, Joanna. The Eastern Legacy: the Early History of Physical Education for Women. *Quest*, n. 32, p. 226-236, 1980.

DUMENIL, Lynn. *Modern Temper: American Culture and Society in the 1920's*. New York: Hill and Wang, 1995.

DYRESON, Mark. Icons of Liberty or Objects of Desire? American Images of Women Athletes in the 1920s and 1930s. In: Proceedings of the North American Society for Sport History, 2000.

EMERY, Lynne. From Lowell Mills to the Halls of Fame: Industrial League Sport for Women. In: COSTA, Margaret D.; GUTHRIE, Sharon R. (ed.) *Women and Sport: Interdisciplinary Perspective*. Champaign, Ill.: Human Kinetics, 1994.

EPSTEIN, Karen V. Sameness or Difference? Class, Gender, Sport, the WDNAAF and the NCAA/NAAF. *International Journal of Sport History*, n. 9, p. 280-287, 1992.

FELSHIN, Jan. The Dialectics of Woman and Sport. In: GERBER et al. (ed.). *The American Woman in Sport*. Reading, MA: Addison-Wesley Publishing Company, 1974. p. 179-210.

FESTLE, Mary Jo. *Playing Nice: Politics and Apologies in Women's Sports*. New York: Columbia University Press, 1996.

GEMS, Gerald R. Working Class Women and Sport: An Untold Story. *Women in Sport and Physical Activity Journal*, n. 2, p. 17-30, 1993.

GERBER, Ellen. The Controlled Development of Collegiate Sport for Women, 1923-1936. *Journal of Sport History*, n. 2, p. 1-28, 1975.

HAGEN, Monys Ann. *Industrial Harmony through Sports: The Industrial Recreation Movement and Women's Sports*. Ph.D. diss., University of Wisconsin-Madison, 1990.

HULT, Joan S. Have the Reports of the Death of Competitive Women's Athletics, 1920-35, Been Greatly Exaggerated?. In: *Proceedings: North American Society for Sport History*, 1980.

HULT, Joan S. The Governance of Athletics for Girls and Women: Leadership by Women Physical Educators, 1899-1949. *Research Quarterly for Exercise and Sport Centennial Issue*, p. 64-77, 1985.

KENNARD, June. The History of Physical Education. *Signs*, n. 2, p. 835-842, 1977.

KASZUBA, Dave. Bringing Women into the Sports Pages: Margeret Goss and the 1920s. *American Journalism*, n. 23, p. 13-44, 2006.

LADD, Tony; MATHISEN, James A. *Muscular Christianity: Evangelical Protestants and the Development of American Sport*. Grand Rapids, Mich.: Bridgepoint Books, 1999.

LATHAM, Angela. *Posing a Threat: Flappers, Chorus Girls and Other Brazen Performers of the American 1920s*. Hanover, N.H.: Wesleyan University Press, 2000.

LENSKYJ, Helen. Common Sense and Physiology: North American Medical Views on Women and Sport. *Canadian Journal of the History of Sport*, n. 21, p. 49-64, 1990.

LENSKYJ, Helen. *Out of Bounds: Women, Sport and Sexuality*. Toronto: Women's Press, 1986.

LIBERTI, Rita. 'We Were Ladies, We Just Played Basketball Like Boys': African American Womanhood and Competitive Basketball at Bennett College, 1928 -1942. *Journal of Sport History*, n. 26, p. 567-584, 1999.

MCCRONE, Kathleen E. Play Up! Play Up! And Play the Game! Sport and Late Victorian Girls' Public Schools. In: MANGAN, J.A.; PARK, Roberta J. (ed.). *From 'Fair Sex' to Feminism: Sport and Socialization in the Industrial and Post-Industrial Eras*. London: Frank Cass, 1987.

MILLER, Nathan. *New World Coming: The 1920s and the Making of Modern America*. Cambridge, Mass.: De Capo Press, 2003.

MROZED, Donald J. The Amazon and the American 'Lady': Sexual Fears of Women as Athletes. In: MANGAN, J.A.; PARK, Roberta J. (ed.). *From 'Fair Sex' to Feminism: Sport and Socialization in the Industrial and Post-Industrial Eras*. London: Frank Cass, 1987.

NOONKESTER, Barbara N. The American Sportswoman from 1900-1920. In: HOWELL, Reet (ed.) *Her Story in Sport: A Historical Anthology of Women in Sports*.

Westpoint, N.Y.: Leisure Press, 1982. p. 178-222.

PARK, Roberta. Searching for a Middle Ground: Women and Professional Physical Education in the United States, 1885-1930. In: HOFMANN, A.; Trangbæk, E. (ed.). *International Perspectives on Sporting Women in Past and Present*. Copenhagen: Institute of Exercise and Sport Sciences, 2005. p. 127-145.

PARK, Roberta. Sport, Gender, and Society in a Transatlantic Perspective. In: MANGAN, J.A.; PARK, Roberta J. (ed.). *From 'Fair Sex' to Feminism: Sport and Socialization in the Industrial and Post-Industrial Eras*. London: Frank Cass, 1987. p. 58-93.

PARK, Roberta J. Symbol, Celebration, and the Reduction of Conflict. In: BLANCHARD, Kendall (ed.). *The Many Faces of Play*. Champaign, Ill.: Human Kinetics, 1986. p. 232-247.

PARRISH, Michael E. *Anxious Decades: America in Prosperity and Depression, 1920-1941*. New York: W.W. Norton & Company, 1992.

PEAVEY, Linda; SMITH, Ursula. Outside Shot: The Girls from Fort Shaw Indian School, Basketball Champions of the 1904 St. Louis World's Fair. Presentation at the Eastern District Association of the American Alliance for Health, Physical Education, Recreation and Dance (AAHPERD) Convention. Springfield, Massachusetts: February 2005 (copy in possession of author).

ROTUNDO, Anthony. Learning About Manhood: Gender Ideals and the Middle-Class Family in Nineteenth Century America. In: MANGAN, J.A.; WALVIN, James (ed.). *Manliness and Morality: Middle-Class Masculinity in Britain and America 1800-1940*. New York: St. Martin's Press, 1987. p. 35-51.

SWANSON, Richard A.; SPEARS, Betty. *History of Sport and Physical Education in the United States*. Boston: McGraw-Hill, 1995.

THERIOT, Nancy. Towards a New Sporting Ideal: The Women's Division of the National Amateur Athletic Federation. *Frontiers – A Journal of Women's Studies*, n. 3, p. 1-7, 1978.

VERBRUGGE, Martha H. *Able-Bodied Womanhood: Personal Health and Social Change in Nineteenth Century Boston*. New York: Oxford University Press, 1988.

WUGHALTER, E. Ruffles and Flounces: The apologetic in women's sports. *Frontiers: A Journal of Women Studies*, v. 3, n. 1, p. 11-13, 1978.

ZEITZ, Joshua. *Flapper: A Madcap Story of Sex, Style, Celebrity and the Women Who Made America Modern*. New York: Crown Publishers, 2006.